

Notas e Identificações

9 - Psicografada em 18/01/1986.

10 - "antes de dirigir-me a Uberaba e receber a Terceira, conversei muito com meu filho, mentalmente, olhando sua foto. Contei-lhe meus sofrimentos e ele, na carta, deu-me todas as respostas." (D^a Eulinda)

11 - *vovô Ferreirinha* – Victório Zeolla, avô materno, desencarnado a 8/2/1972, em Campo Grande.

17 - *tia Rosa* – Rosa Zeolla Nogueira, tia materna, desencarnada em Pernambuco.

13 - *tia Joanita* – Joanita Pipino Cresci, tia materna, desencarnada a 01/01/1971, no Rio de Janeiro.

14 - *vovô Maria* – Maria Zeolla, avó materna, residente em Campo Grande.

15 - *Erminda* – Erminda Zeolla, tia materna, residente em Campo Grande.



CAPÍTULO 18

PAZ E AUTENTICIDADE NO REENCONTRO

"Aos dezesseis anos de idade, nossa filha Túlia Maura apresentou grave enfermidade que, apesar de toda a assistência possível, evoluiu de forma irreversível. Tratava-se de um linfoma.

Submeteu-se a várias internações no Hospital Felício Roxo, de Belo Horizonte, MG, onde após 19 dias de sofrimento, veio a desencarnar numa quarta-feira, 21 de outubro de 1981, quando o dia começava a clarear.

Na sua última noite, em um dos momentos de aflição, disse-me: ‘– Mamãe, eu tenho que ir, eu preciso...’ Foi o seu pedido de consentimento a que ela se refere na carta mediúnica.

Ficamos muito abalados com a perda da filha querida e, quatro meses após o seu desenlace (19/02/82), por orientação de uma senhora amiga, procuramos Chico Xavier, em Uberaba, quando recebemos a mensagem.

Foi um bálsamo para todos! Deu-nos uma certa força e coragem para continuarmos a caminhada.



Túlia Maura Diniz Baptista Mendes

Analizando os itens da carta, cada vez mais nos emocionamos, pois todos os dados coincidem com os fatos."

Estes foram os tópicos principais da atenciosa carta de D. Nara Diniz Baptista Mendes, a nós endereçada (a 04/8/88), testemunhando o seu feliz e autêntico reencontro com a saudosa filha.

Mãezinha Nara e Vovó Dulce, minhas queridas, em pensamento reúno o Papai Aderbal e o Adriano aqui conosco a fim de comunicar-lhes que vou passando muito melhor.

Não sei se minha memória está fiel, mas admito que a nossa despedida aconteceu numa quarta-feira.

Mãezinha, aqueles dias no Felício Roxo me pareceram o término do caminho...

Pensava assim, porque os tratamentos difíceis não me erguiam as forças. Procurava ler em seus olhos aquilo que os médicos e as enfermeiras não diziam e, embora o seu carinho enxugasse cuidadosamente as lágrimas, eu notava os sinais delas em sua face. Os seus beijos me contavam que esperávamos em oração o dia que a Bondade de Deus estava quase assinalando...

Refletia em tudo quanto aprendera de seu carinho em nosso recanto doméstico, e lembrava, uma a uma, as lições da Vovó Dulce e acabava concluindo que seria impossível perder a paciência e a fé nas horas em que mais necessitávamos delas, e buscava conversar em silêncio com as dores do meu corpo, tentando tranquilizá-las.

Na terça-feira, se me lembro bem, pedi o seu consentimento para deixar o hospital, significando sair do corpo doente. Recordo a sua expressão de tristeza, mas agradeço a compreensão com que o seu carinho pediu a Deus nos socorresse. Depois daquela sua aprovação sem palavras, que não era concordância e sim sofrimento, que a gente não sabe explicar, notei que uma brisa leve me acalmava... O sono veio devagar qual se eu fosse a sua criança desarravorada por muito tempo que recebera permissão para dormir; dormir sem picadas de injeções e sem aplicação de sondas, dormir simplesmente...

Nada mais vi, senão em forma de sonho. Parecia vê-la chorar sem que eu pudesse aliviá-la e rezei com veemência rogando a paz de Jesus para nós todos. Aí entrei num sono de sedativos, profundo e sem o menor traço de sonho ou pesadelo.

Quando acordei, um quarto novo me abrigava. Achava-me leve, sem dor... O sol invadia o recinto e me reconheci tão melhor que a chamei em voz alta. Uma senhora, junto a mim, beijava-me com o jeito de sua ternura e do carinho da Vovó Dulce, e me disse com bondade para não recear e acrescentava que eu fora transferida de residência. Não mais me achava sob os seus cuidados e sob as atenções do Papai Aderbal porque o meu corpo era outro... Ainda assim me explicou sorrindo que a família era a mesma, que ela era a Vovó Carmelita e que ali estava para me fazer companhia.

Mãezinha querida, chorei sem alarme, como a doença me habituara a chorar. Entretanto, a fé em Deus era uma espécie de luz por dentro de mim e uma coragem que eu não tinha nascido de repente em minh' alma...

Comecei melhorando pela fé em Deus e ao rever a sua presença, ao rever a Vovó, o Papai e o Adriano, o pranto da

saudade correu com abundância a me encharcar o rosto, mas, no íntimo, a confiança em Deus me reanimava e tenho podido caminhar, dia por dia, na direção do meu restabelecimento integral.

Peço-lhe continue alegre e bem disposta. Não existem sofrimentos eternos e estamos todos juntos pelos fios do amor e da oração.

Agradeço à família tudo o que se fez por meu repouso e refazimento na Vida Espiritual, em que me encontro. Mamãe, recebi todas essas manifestações de carinho e fiquei feliz. Muito grata a todos.

Queria mais espaço de tempo a fim de tentar dizer-lhes quanto os amo a todos; no entanto, a Vovó me diz que já posso terminar. Reúno a sua presença com a presença do Papai Aderbal, e rogo para que me abençoe, pedindo ainda à Vovó Dulce para prosseguir na condição de minha professora de fé recordando-me as nossas orações.

Muito carinho para o Adriano e muito afeto às nossas amizades, que estão todas por flores de Deus em minha memória.

E reunindo a Mãezinha querida e a Vovó Dulce no meu rosário de orações e de saudades, peço a Deus para me abraçarem outra vez... Sinto falta do amor com que me preparam para a vida e para a confiança em Deus; ainda assim, muito reconhecida por todos os tesouros de dedicação com que me abençoaram sempre, e continuam me abençoando, beija-lhes as mãos queridas, a neto e filha sempre grata,

*Túlia Maura.
Túlia Maura Diniz Baptista Mendes.*

Notas e Identificações

1 - *Mãezinha Nara e papai Aderbal* – Casal Aderbal Cordeiro Mendes e Nara Diniz Baptista Mendes, residente em Belo Horizonte.

2 - *vovó Dulce* – Dulce Diniz Baptista, avó materna.

3 - *Adriano* – Adriano Diniz Baptista Mendes, irmão.

4 - *seria impossível perder a paciência e a fé (...) e buscava conversar em silêncio com as dores do meu corpo, tentando tranqüilizá-las.* – “Interiormente, eu me perguntava como foi possível a uma menina tão nova, sofrendo um tratamento tão sério, não reclamar nada. A resposta veio sublinhada na carta: ‘buscava conversar em silêncio’...” (D^a Nara)

5 - *o meu corpo era outro...* – Refere-se ao corpo espiritual ou perispírito.

6 - *vovó Carmelita* – Carmelita Palhares Diniz, bisavó materna, desencarnada em 25/10/1954.

7 - *Túlia Maura Diniz Baptista Mendes* – Nasceu em 11/6/1965. Era saudável, muito estudiosa e de grande força de vontade. Cursava o 2^º ano do 2^º Grau.



CAPÍTULO 19

PREMONIÇÕES DE UM DESENLACE INESPERADO

“Você não imagina o que passei quando ao acordar, às 7:30 h da manhã, do dia 12 de outubro de 1981, deparei-me com minha esposa sem vida, ao meu lado. Os Espíritos Amigos trabalharam muito no meu preparo, pois uma força que nunca tive se apossou de mim, para aguentar tanta dor.

Essa dor só se acalmou quando, no dia 10 de julho de 1982, Francisco Cândido Xavier psicografou a primeira mensagem de minha companheira querida, Matrona Paly Diegues, trazendo-me de volta ao equilíbrio.”

Com estas palavras, o sr. Carlos Diegues, residente em São Paulo, Capital, expôs-nos seu drama familiar, vivido há muitos anos.

Ainda, em sua recente carta (de 9/7/88), contou-nos que sua esposa teve duas interessantes e surpreendentes premonições, conquanto aparentando saúde perfeita, atestando que a desencarnação estava programada, e havia uma benéfica atuação espiritual no sentido de preparar